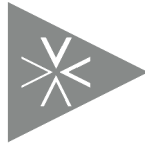




Autores correspondidos - autoria de Fábio Fujita, publicado na revista *Metáfora* em agosto de 2012.

Banalidades, confidências, críticas, saudades de casa, memórias sentimentais e literárias: o que revelam as correspondências de escritores famosos e o que suas cartas acrescentam à compreensão de suas obras.

Em 1936, um poeta em início de carreira, ainda inseguro quanto ao próprio talento na construção de métricas e rimas, se questionava se haveria algum "sentido humano" em relação ao livro que publicara com seus mais recentes sonetos. Não por acaso, resolveu submeter a obra a um amigo que, a despeito da leitura parcial que este poderia fazer, era a pessoa no âmbito literário em quem o poeta mais confiava. O amigo, afinal, leu e sentenciou: "Acredito que sua obra está ainda em marcha, no sentido de atingir algumas camadas que não atingiu de começo". A mensagem parecia clara: aqueles poemas ainda não traziam à tona todo o potencial de quem os escrevera. O livro era *Brejo das almas*; o autor, Carlos Drummond de Andrade; e o amigo/avaliador, Cyro dos Anjos. A história é um dos achados da antologia *Cyro & Drummond*, recém lançada pela Globo Livros, que traz a público mais de meio século da farta



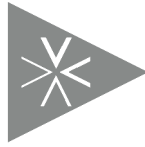
correspondência trocada entre os dois amigos, que se conheceram ainda imberbes na redação de um jornal de Minas Gerais.

Foram cerca de dois anos e meio de dedicação dos parceiros Wander Melo Miranda e Roberto Said, que se incumbiram da tarefa de vasculhar, ler e transcrever as cartas, mais o trabalho de pesquisa para as fotos que ilustram a bela edição. *Cyro & Drummond* torna-se, assim, a mais nova contribuição ao filão da literatura epistolar, a que as editoras brasileiras passaram a se dedicar de forma mais atenta só nos últimos anos. Grandes amizades postais já foram reveladas, por exemplo, em *Correspondência com Fernando Pessoa*, de Mário de Sá Carneiro e, mais recentemente, *O Rio É Tão Longe* (ambos pela Companhia das Letras), entre Otto Lara Resende e Fernando Sabino.

O mercado editorial parece ter percebido que projetos do tipo ajudam a saciar a sensação de orfandade deixada por alguns autores míticos que, mesmo falecidos, ainda geram interesse e continuam captando novas gerações de leitores. Mais do que isso, a publicação de correspondências em antologias ajuda a iluminar novas facetas de determinados autores, muitos dos quais fizeram das cartas um subgênero literário em que vale a pena aventurar-se.

A correspondência do poeta Horácio costuma ser apontada como o marco zero da literatura epistolar. Em 18 a.C., o romano produziu a célebre *Epístola aos Pisões*, extensa carta dirigida a personalidades romanas ligadas à arte em que analisa com certo didatismo, ainda que em versos, a função social da poesia. Referência mais moderna é *Cartas a um jovem poeta*, em que o alemão Franz Xaver Kappus compila a correspondência que manteve com seu mentor, Rainer Maria Rilke. O livro tornou-se complemento revelador da bibliografia de Rilke, à medida que, em suas "lições" a Kappus, discorre de forma filosófica sobre o fazer poético. No Brasil, as razões para a tímida tradição epistolar talvez estejam naquilo a que Edgard Cavalheiro já chamava a atenção em seu prefácio de um dos títulos nacionais pioneiros desse segmento, *Cartas escolhidas*, uma compilação da correspondência de Monteiro Lobato publicada em 1972: o (mau) hábito do brasileiro de não acusar o recebimento de uma mensagem ou até mesmo de um presente recebido.





Quem partir da premissa de que a correspondência de um escritor possui pouco valor literário, não pode ignorar que o registro epistolar tornou-se, pelo menos para o escritor Franz Kafka, uma de suas obras seminais: *Carta ao pai*. É um livro decisivo para compreender a formação do universo sombrio do autor.

Franz quis escrever ao progenitor Herman depois que este desaprovou a terceira tentativa de casamento do filho, com Julie Wohryzek, a quem considerava ser de classe social inferior. O



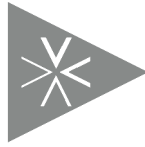
paradoxo é que o relacionamento dilacerado entre os Kafka se originava de fontes similares. Fora a falta de refinamento de Herman, filho de açougueiro, o fator determinante para que nunca conseguisse ascender à elite judaica de Praga, a cidade tcheca onde se radicou. E

essa frustração sempre era descontada nos filhos. Franz redigiu a portentosa carta em 1919, quando já havia escrito obras como *A metamorfose*, onde o espectro da figura paterna despótica já ficava sugerido.

Impacto na ficção

O lançamento no Brasil, em 2010, de *O mundo prodigioso que tenho na cabeça*, que compila outras correspondências e anotações de Kafka - que, a pedido dele, deveriam ter sido queimadas quando morresse, mas não foram - acaba por evidenciar o tamanho do impacto que o monstro paterno teve no desenvolvimento de sua ficção de alta carga expressionista.

Bem menos doente foi a relação do beat americano Allen Ginsberg com seu pai, o também poeta Louis, conforme se lê na antologia intitulada *Negócio de família* (editora Peixoto Neto). É fascinante observar a forma desabrida com que, nas primeiras cartas, o pai muitas vezes não se omite em criticar certas opções estéticas adotadas por Allen nos poemas, como quando aponta numa carta de setembro de 1945: "Às vezes seu verso é um tanto amorfo e não se concentra o bastante em imagens concretas, as quais resumem e unificam e reintegram as suas ideias". Allen, ao contrário de se magoar, respeitava os conselhos do pai. A relação era tão honesta que Allen conta a Louis sobre a "experiência mística"

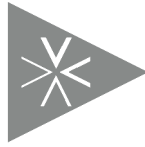


de ter tomado LSD, que descreveu como "deuses hindus dançando em si mesmos", sugerindo ao pai que também fizesse a viagem lisérgica. Mas a partir de certo momento, Louis é escanteado como principal influência de Allen, quando este se aproxima do poeta William Carlos Williams e de Jack Kerouac, a quem Louis detestava, assim como a William S. Burroughs. Na seara política, as divergências são frontais: enquanto Allen se revela nas cartas um pacifista (Louis chega a chamá-lo pejorativamente de "comuna") em discussões sobre o Vietnã, a Guerra Fria, Cuba ou o sionismo, Louis via nas intervenções bélicas um "mal necessário". Mas o amor profundo entre eles reverbera nas mal traçadas linhas: quando Allen já era uma referência na poesia americana, Louis nunca tentou acirrar algum nível de "concorrência" com o filho mais talentoso. Ao contrário: colocava-se numa posição humilde, pedindo dicas, sem oportunizar a influência de Allen para conseguir ter os próprios poemas publicados. E Allen ajudava como podia, inclusive levando o velho para saraus onde liam, juntos, os poemas de ambos.



Entre os brasileiros, a correspondência familiar mais reveladora é a de Clarice Lispector com suas irmãs Elisa e Tânia, reunida em *Minhas queridas* (editora Rocco, 2007). Segundo a organizadora do material, Teresa Montero, o objetivo do projeto era mapear o período em que a autora de *Felicidade clandestina* viveu fora

do país, entre 1944 e 1959, quando Clarice se engajou na profissão de esposa ao acompanhar a vida itinerante do marido diplomata, Maury Gurgel Valente, em estadas por cidades como Berna, Nápoles, Florença, Paris e Washington. "Só com as cartas a gente pode saber como foi esse momento da vida dela", aponta Teresa. A correspondência desmistifica um pouco a aura misteriosa atribuída à autora. Descobrimos uma Clarice terna e uma ávida missivista, sempre cobrando a demora ou a incipiência de mensagens das irmãs - fica claro que Clarice escreveu muito mais cartas a elas do que recebeu de volta. A vida cigana não era algo que a fazia feliz, como quando confidencia: "A gente fica fora de foco, sem saber mais o que é e o que não é."



Vida de escritor

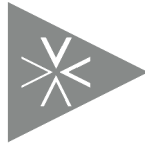
O fato de Clarice escrever às suas queridas irmãs confere às cartas uma forma de escrita bem menos hermética do que aquela que caracteriza o estilo de suas obras em geral. Aparece, então, um tipo de indiscrição bem-humorada, que só se comete com a intimidade que se tem com certos interlocutores eleitos. Outro aspecto digno de nota é que, como qualquer escritor, também Clarice sofria diante da pouca repercussão do que escrevia. Assinala a Tânia "o silêncio da crítica em relação ao *Lustre*", referindo-se ao seu segundo romance, cuja recepção mostrava-se um tanto fria. Chega a questionar a irmã se o crítico Antonio Candido dedicara a *O lustre* alguma análise. Em *Cartas perto do coração* (editora Record), que reúne a correspondência de Clarice com Fernando Sabino, ela já se mostrava ressentida ao amigo com uma crítica de Álvaro Lins, que escrevera que "muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance".

Inconfidências

Ao se debruçar nas cartas trocadas entre escritores brasileiros, o leitor também pode se esbaldar com os comentários, muitas vezes mordazes, que eles fazem sobre a literatura um do outro. As inconfidências aparecem em *Cyro & Drummond*, em que o poeta deixa clara sua aversão à produção regionalista, notadamente a de José Lins do Rêgo, alvo também de Vinícius de Moraes, como se lê na correspondência deste publicada em *Querido poeta*



(Companhia das Letras). Sobra ironia até para Guimarães Rosa nas cartas de Dalton Trevisan vistas na compilação *Desgracida* (Record). Porém, mais do que isso, as epístolas ajudam a resgatar a importância de determinadas personalidades do meio literário que acabaram um tanto obscurecidas. É o próprio caso de Cyro dos Anjos, cujo romance *O amanuense Belmiro* (Globo Livros) chega a ser saudado por Drummond como "uma coisa literariamente perfeita". Exagero em nome da amizade? Um dos organizadores das cartas, Wander Melo Miranda, assegura que não.



- É um romance ímpar, que trata da relação entre vida e arte ficcional como nenhum outro romance brasileiro - analisa.

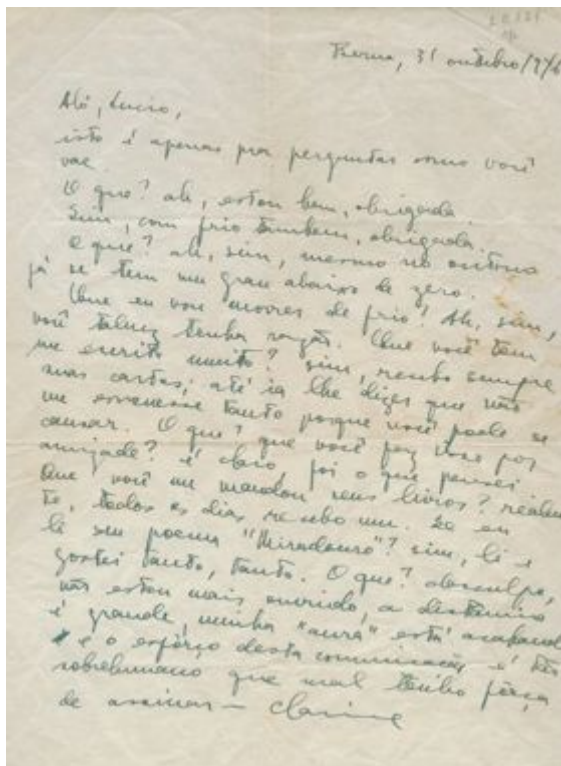
Ler as cartas que os compadres trocaram permite também (re)descobrir a rebuscada prosa drummondiana.

- Ele tinha ao mesmo tempo uma maneira informal e elegante de escrever. Tem cartas que são verdadeiras obras-primas literárias - define Wander Melo Miranda.

Cartas de amor

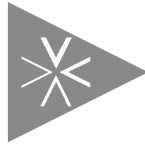
Outro interlocutor recorrente nas correspondências entre escribas brasileiros é Lúcio Cardoso. O autor de *Crônica da casa assassinada* (Civilização Brasileira)

foi o mentor literário da então aspirante Clarice Lispector, a partir dos anos 40, como constata-se em *Correspondências* (Rocco), compilação das cartas que Clarice trocou com colegas do meio artístico (também organizada por Teresa Montero). Ali, evidencia-se até a paixão platônica de Clarice por Lúcio. Tudo a motivava a lhe escrever, como quando, depois de ter mandado um texto dela para que ele avaliasse, postou nova carta na sequência, apenas pelo esmero de pedir-lhe para descartar a primeira vírgula do trecho "E às vezes, numa queda, como se tudo purificasse" (tirado de *Os Bonecos de barro*). Ou para socializar a trivialidade de contar, escrevendo de uma fazenda em



Avelar, no Rio de Janeiro, "ter tomado banho de cascata e ter sido mordida por um batalhão de mosquitos".

Se o amor deles ficou no plano do irrealizável, o do romancista norte-americano Scott F. Fitzgerald com Zelda Sayre chegou às raias da loucura - literalmente (ela morreria vítima de transtornos mentais). São pungentes as cartas que trocaram e que aparecem compiladas em *Querido Scott, querida Zelda* (Companhia das Letras). A noção propalada de que Scott sabotava a vocação



literária da amada (e seria o responsável pela debilidade psíquica dela) é atenuada na leitura das cartas. O primeiro colapso nervoso de Zelda se dá em 1930, quando Scott já era um alcoólatra. Havia, sim, uma tensão competitiva no aspecto da criação, sobretudo quando Zelda se engajou em produzir um romance (*Esta valsa é minha*) cuja inspiração era a mesma que Scott tivera para *Suave é a noite*. Mas tanto quanto discutiam, se reconciliavam. E as cartas mostram um Scott afetuoso, que apenas sucumbia a explosões sentimentais próprias de quem carregava o peso de cuidar de uma mulher (cl clinicamente) doente.

Processo criativo

Dos tomos epistolares acessíveis no mercado brasileiro, o mais passional talvez seja o de Caio Fernando Abreu organizado pela amiga dele, Paula Dip: *Para sempre teu, Caio F.* (Record). Segundo a própria Paula, Caio fazia da escritura de cartas mais um dos gêneros, ele que produziu em terrenos diversos: poesia, conto, crônica, romance, jornalismo, roteiro. Caio lia a correspondência de autores como Virginia Woolf, o que o influenciou sobremaneira.

- Ele achava que a carta era uma forma de contar uma história - diz Paula. Não por acaso, a carta publicada no final do romance *Morangos mofados*, endereçada ao amigo Zézim (José Márcio Penido), diz muito sobre o próprio processo criativo de *Morangos* e a forma catártica com que ele, Caio, se entregava à busca de sua voz interior ("Escrever é enfiar o dedo na garganta").

Articulação fluida

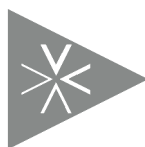
Sua correspondência pulsante é simbólica na medida em que o autor precisava da escrita para exorcizar as frustrações mundanas.

- Ele se sabotava um pouco na vida afetiva porque acho que escrever o completava mais do que o amor - especula Paula.

A articulação fluida de Caio é denotada pelo capricho de suas missivas, de poucas rasuras e estilo personalizado: era capaz de incluir na carta a um destinatário querido uma folhinha que recolhera de uma árvore num passeio outonal.



Fac-símile de uma carta de Caio Fernando Abreu (detalhe) à amiga Paula Dip: teor passional e catártico



Nenhuma correspondência é tão biográfica quanto a dele, adepto das ciências místicas como o tarô. De forma profética, em 1º de janeiro de 1980, escreveu a Paula: "Ontem Zé telefonou, hoje eu telefonei para ele - quer dizer, começou a trip da fissura telefônica, sabe como? Hoje mesmo eu fiquei muito tentado a ligar procê. Segurei e preferi a carta. É menos imediato, mas gosto mais. A gente não deve permitir que as cartas se tornem obsoletas, mesmo que talvez já tenham se tornado".

É possível que o presságio de Caio a respeito da obsolescência dessa forma de comunicação, tão romântica em tempos de internet e mensagens eletrônicas, guarde um comentário irônico nas entrelinhas. Por mais que a tecnologia e, com ela, os hábitos mudem, a rotina da correspondência, sobretudo entre escritores de mentes inquietas, jamais cairá em desuso. Na tela do computador ou em linhas mal traçadas no papel, o teor dessas missivas sempre será, de um jeito ou de outro, um complemento esclarecedor à obra desses autores, para quem escrever - livros ou cartas - é uma atividade vital.

FUJITA, Fábio. Autores correspondidos. **Metáfora**: literatura e cultura, São Paulo, ano 1, n. 11, p.52-57, ago. 2012.

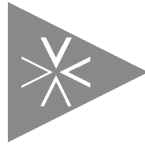
Publicações citadas no texto e que fazem parte dos nossos acervos:



KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Traduzido por Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 86 p.

Unidades: EF 2 e 3 / EM / EJA / ISE

A "Carta ao pai" é uma peça fascinante da obra de Franz Kafka. Dificilmente algum filho pôde escrever ao pai carta mais pungente do que esta. Nela o grande escritor realiza um ajuste de contas memorável com o tirano familiar Hermann Kafka. O móvel do confronto é uma tentativa de casamento do filho que o pai desaprova, mas o texto abrange toda a relação entre ambos, num ritmo dolorosamente ágil. Como sempre, a capacidade de análise e argumentação do escritor surpreende. Aqui ela transforma uma carta em documento perene da literatura universal.



RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Traduzido por Cecília Meireles, Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 2006. 111 p.

Unidades: EJA / ISE

Escritas entre 1903 e 1908 sem outra intenção senão a de mostrar a um aprendiz de poesia – o jovem poeta Franz Xaver Kappus (1883-1966) – os caminhos do mundo interior do escritor, as "Cartas a um jovem poeta" são hoje uma das obras mais conhecidas de Rainer Maria Rilke, quer pela intensidade da vivência que o autor transmite ao jovem e ao leitor, quer pela sinceridade e simplicidade com que o mestre se dirige ao desconhecido que o procurara com um grito de socorro.

Três anos depois da morte de Rilke, Kappus decidiu publicar as cartas que recebera do poeta em um momento decisivo de sua vida, na certeza de que as lições que recebeu de Rilke poderiam ser úteis a outros jovens, vivendo os naturais conflitos da idade. Principalmente, porque de Rainer Maria Rilke, Franz Kappus não recebeu lições de como escrever, mas sim lições de vida.



SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 224 p.

Unidades: Educador EF 2 e 3 / EJA / ISE

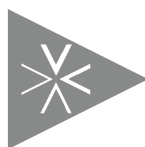
Troca de correspondência entre os amigos Fernando Sabino e Clarice Lispector, entre 1946 e 1969. Por meio dessas cartas é possível conhecer as motivações e um pouco do processo criativo dos dois jovens autores.



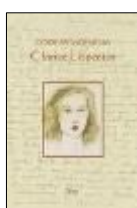
SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Correspondência com Fernando Pessoa**. Editado por Teresa Sobral Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 456 p., il.

Unidade: Educador EF 2 e 3

Fernando Pessoa é o principal responsável pela fixação da poesia e da imagem de Sá-Carneiro na literatura portuguesa ao organizar a primeira edição da obra poética do amigo, toda ela escrita no período coberto pela "Correspondência"



(1912-16). Nas cartas reunidas neste volume, encontradas entre os papéis de Pessoa depois de sua morte, em 1935, os dois discutem e comentam os poemas que Sá-Carneiro envia ao amigo; trocam impressões sobre a vida literária em Portugal, a criação da revista Orpheu e o surgimento de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, os célebres heterônimos de Pessoa. Das cartas de Pessoa, restaram apenas cinco rascunhos, incluídos neste volume.



LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Organizado por Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 334 p.

Unidade: EM

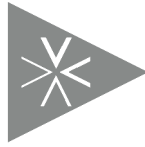
"Correspondências" traz à tona os enfrentamentos cotidianos da autora, expostos em 129 cartas trocadas com outros escritores, artistas, intelectuais e familiares, sendo 70 cartas de autoria de Clarice e 59 recebidas por ela. A coletânea reúne cartas, inéditas em sua maior parte, que permitem a compreensão da produção literária da escritora, assim como um encontro com sua intimidade. "Correspondências" cobre quatro décadas da vida de Clarice Lispector, da década de 1940 até pouco antes da sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro, em dezembro de 1977. Entre seus correspondentes estão o marido, Maury Gurgel Valente, os amigos Bluma Wainer e Fernando Sabino, com quem manteve uma rica e frutuosa correspondência, até trocas mais pontuais, como as de Manuel Bandeira e Fernanda Montenegro.



LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 312 p.

Unidade: Educador EF 2 e 3

Um mergulho na intimidade de uma autora que fascina gerações e gerações de leitores. O livro "Minhas queridas" traz a correspondência - 120 cartas inéditas - trocada entre Clarice e suas irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, durante os primeiros anos de seu casamento, entre 1944 e 1959, acompanhando o marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, em suas missões no exterior. Os laços de família vencem a distância e se estreitam quando Clarice, mais que descrever seu cotidiano no exterior, compartilhou com as irmãs o afeto pelos compositores que ouviu, pelos autores que leu, pela gente que conheceu.



DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F.**: cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2009. 504 p., il.

Unidade: Educador EF 2 e 3

Caio Fernando Abreu foi uma importante figura da literatura brasileira contemporânea. O jornalista foi grande amigo de Paula Dip, com quem conviveu durante 20 anos. "Em para sempre teu, Caio F." a autora reúne cartas, bilhetes e particularidades que dividiu com o escritor, além de depoimentos de pessoas importantes na vida de Caio, como Cazuza, Ney Matogrosso, entre outros. O resultado é um relato de quem acompanhou de perto o mundo do 'escritor da paixão' (como o definiu Lygia Fagundes Telles) até sua morte precoce em 1996, aos 47 anos, vítima de AIDS.



MORAES, Vinícius de. **Querido poeta**: correspondência de Vinícius de Moraes. Organizado por Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 372 p.

Unidades: Educador EF 2 e 3 / EM

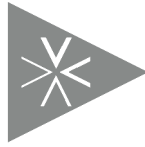
"Querido poeta" reúne mais de duzentas cartas e bilhetes escritos ou recebidos por Vinícius de Moraes (1913-1980), em quase cinquenta anos, entre 1932 e 1980. Organizada cronologicamente, a correspondência permite acompanhar a vida familiar, as relações amorosas de Vinícius e a transição empreendida por ele da poesia para a música popular. O diálogo com colegas do Itamaraty ilustra aspectos da carreira diplomática e das idéias políticas do poeta.



RESENDE, Otto Lara. **O Rio é tão longe**: cartas a Fernando Sabino. Introdução de Humberto Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 412 p., il.

Unidade: Educador EF 2 e 3

Unidos desde a mocidade literária em Belo Horizonte, na década de 40 do século passado, os escritores Otto Lara Resende e Fernando Sabino mantiveram uma amizade de mais de 50 anos. Este volume reúne as cartas que Otto



escreveu a Sabino entre os anos 1940 e 1970. Enviadas de lugares como Rio de Janeiro, Bruxelas e Lisboa (nestas duas últimas cidades Otto viveria como adido cultural), as cartas trazem o ponto de vista singularíssimo de um autor sobre os mais diversos aspectos da vida: dos amores à literatura, das transformações nos costumes à política do Brasil.

Outras obras de nossos acervos que compilam a correspondência de escritores:



LOBATO, Monteiro; RANGEL, Godofredo. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010. 598 p.

Unidade: ISE

Correspondência entre de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Um dos mais extensos testemunhos epistolares de que se tem notícia no país mostra toda uma trajetória de vida, da fase inicial dos sonhos e utopias juvenis ao desencanto da velhice, passando pela maturidade das lutas, conquistas e projetos realizados.

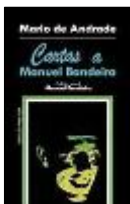
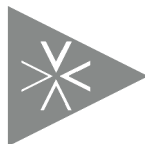


RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1982. 226 p.

Unidade: EM

Viabilizado pela colaboração de pessoas que conviveram com o escritor, principalmente sua viúva Heloísa Ramos, a publicação reúne cartas enviadas por Graciliano desde 1910, quando morou em Palmeira dos Índios, no agreste de Alagoas, até a viagem que fez em 1952 pela União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal.

Além de curiosidades sobre a vida deste ilustre escritor, a obra traz referências históricas do Brasil que são citadas em muitas de suas correspondências. O livro proporciona uma íntima relação entre o autor e o leitor, uma vez que suas vivências são narradas minuciosamente de forma peculiar, além de esteticamente reveladoras.



ANDRADE, Mário de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. 252 p., il. (Prestígio).

Unidade: ISE

As cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira fazem parte de uma correspondência de cerca de 13 anos. São cartas esclarecedoras da obra de Mário, da sua maneira de trabalhar, sua visão pessoal da vida, da literatura, da música e das artes plásticas, deixando suas preciosas impressões de crítico. Valioso testemunho que se torna um dos melhores subsídios para a história do modernismo no Brasil.



SABINO, Fernando; ANDRADE, Mário de. **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 224 p.

Unidades: Educador EF 2 e 3 / ISE

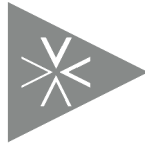
Para um jovem escritor mineiro de Belo Horizonte, significava verdadeira consagração receber em 1942 uma carta de ninguém menos que Mário de Andrade, considerado o Papa do Modernismo. Suas palavras constituíram extraordinário impacto para Fernando Sabino, na época com 18 anos de idade. Com o entusiasmo de sua juventude, Fernando Sabino respondeu emocionadamente, nascendo daí entre os dois, apesar da diferença de idade, uma amizade através de intensa correspondência que durou até a morte do grande escritor paulista em 1945. A influência de suas cartas sobre a evolução intelectual de Fernando Sabino representa precioso roteiro para quem deseja iniciar-se nos mistérios da criação literária.



KAFKA, Franz. **Cartas aos meus amigos**. São Paulo: Nova Época, [s.d.]. 176 p.

Unidade: EM

Este volume apresenta Kafka como filho, irmão, estudante, amigo, amante, escritor, crítico e revela o seu fascínio pela vida em todas as suas complexas, absurdas e trágicas manifestações. Franz Kafka confiava às cartas muito de seus



pensamentos, impressões, experiências e expectativas. Elas seguem a vida de Kafka de seus anos de estudante até seus últimos dias e exploram sua amizade com Max Brod, Feliz Weltsch e Oskar Baum confirmando seu lugar como um dos grandes missivistas do século XX.



ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 170 p. (Obras de Mário de Andrade, 24).

Unidade: ISE

Mário de Andrade era conhecido, também, por sua fidelidade absoluta aos amigos, devendo-se lembrar sempre do juramento que fez a si mesmo, quando não recebeu resposta de um figurão da época: o de que, se viesse a ser célebre, não deixaria sem resposta as cartas ansiosas que recebesse. O resultado disto é uma vasta documentação em forma de missivas. Aqui temos 56 cartas e dois bilhetes de Mário, que demonstram a influência recíproca destes dois mestres em suas obras.

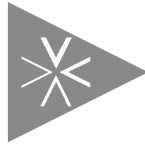


MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP, 2000. 736 p., il. (Correspondência de Mário de Andrade, 1).

Unidade: EM

Lacrada até julho de 1997, a pedido de Mário, a parte mais significativa dessa correspondência começa a ser revelada nesta edição que dá conta da fértil comunicação, ao longo de três décadas, entre dois dos maiores nomes da literatura brasileira.

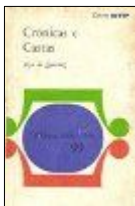
Graças ao trabalho rigoroso do organizador, que nas notas às cartas apresenta todas as informações necessárias à compreensão dos dados contextuais, o leitor pode tomar pleno contato com a troca de confissões pessoais, opiniões sobre poemas, ideias sobre questões do cotidiano do país e sobre a evolução da arte brasileira, entre muitos outros temas.



AMARAL, Aracy A. (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral**. São Paulo: EDUSP, 2001. 240 p., il. (Correspondência de Mario de Andrade, 2).

Unidade: EM

Ultrapassando as fronteiras da amizade, as cartas trocadas por Mário de Andrade e Tarsila do Amaral oferecem ao leitor um contato direto com algumas das questões mais candentes que impulsionaram os artistas do período. Mostram o interesse pela atualidade das tendências artísticas internacionais, aliado à preocupação com a cultura brasileira, além de revelar detalhes dos processos de criação de dois dos maiores nomes do modernismo brasileiro. Organizado pela historiadora e crítica de arte Aracy Amaral, o volume inclui uma série de notas explicativas e a análise material dos manuscritos ao final de cada texto, cronologia, caderno de fotos e reproduções de diversos outros documentos, entre eles catálogos de exposições de Tarsila no período modernista.



QUEIROZ, Eça de. **Crônicas e cartas**. Lisboa: Verbo, 1972. 164 p. (Biblioteca básica Verbo).

Unidade: EM

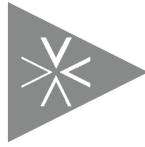
Selecionados e apresentados por João Bigotte Chorão, os textos reunidos neste volume ilustram o talento desse extraordinário cronista que foi Eça de Queiroz. O realismo, o espírito crítico e satírico, o humor, o lirismo e o estilo de Eça nalgumas de suas melhores páginas.



ROSA, Guimarães; BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa: correspondência com o seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. 208 p., il.

Unidade: ISE

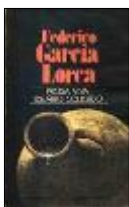
Este livro reúne as cartas trocadas durante a tradução de "Corpo de baile" para o italiano, nas quais o escritor dá preciosas indicações sobre seu processo de criação: a invenção de neologismos, a origem de várias expressões, as pessoas que inspiraram.



TIN, Emerson (Org.). **Para sempre**: cinquenta cartas de amor de todos os tempos. Seleção de Emerson Tin. São Paulo: Globo, 2009. 168 p.

Unidade: Educador EF 2 e 3

A internet, o e-mail e os sites de relacionamento aproximaram as pessoas e democratizaram o conhecimento, contudo extinguiram uma atividade que, em certas mãos, tornou-se ao longo da história uma verdadeira arte - escrever cartas. Certas cartas eram guardadas ao longo de toda a vida, e as que integram este livro falam sobre o amor e fazem parte de uma coletânea que se concentra nos últimos três séculos do milênio passado. O leitor poderá encontrar, além de autores brasileiros e portugueses, textos originalmente escritos em latim, francês, inglês. Cícero; Plínio, o Jovem; Beethoven; Victor Hugo; Chopin; Machado de Assis; Olavo Bilac; Fernando Pessoa, entre outros fazem parte desta obra.



GARCÍA LORCA, Federico. **Prosa viva / Ideário coligido**. Traduzido por Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1975. 160 p., il. (Biblioteca Manancial).

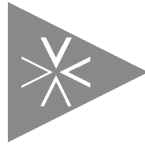
Unidade: ISE

O gênio lírico e teatral de Federico Garcia Lorca absorveu a tal ponto a atenção de leitores e estudiosos, que seus escritos em prosa são por vezes injustamente silenciados ao se proceder à avaliação global de sua obra. Este volume reúne uma série de trabalhos de natureza crítica, de ensaios e cartas que revelam a universalidade do talento do grande poeta granadino.



GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália**: 1786-1788. Traduzido por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 436 p., il.

Unidade: Educador EF 2 e 3



Composto de cartas e diários de viagem, esse livro, um clássico, mostra o encantamento de Goethe pela terra italiana, experiência que o transformou profundamente. O poeta chegou à Itália em 1786 e, cerca de três meses depois, escreveu a um amigo: "Pareço a mim mesmo uma pessoa totalmente diferente. Ontem pensei comigo: 'Ou você era louco antes ou tornou-se agora'". De coração aberto, o viajante acolhe tudo o que vê e sente: a cor e o aroma das frutas, o rosto de homens e mulheres, o burburinho das ruas, as obras da antigüidade, a arquitetura renascentista.

Agradecemos as doações recebidas em abril e maio de:

Ana Lúcia F. S. Azevedo do Amaral
Andrea Felice
Irenita Vitorello Bottura
Josca Baroukh
Márcia Lopez
Maria Stela Mercadante
Paula Monteiro de Camargo
Regina mãe da Julia Maurano (aluna 7º E)
Simone Pignatari
Lector Livraria
Editora 34